

LÍNGUA PORTUGUESA

NOME: _____ 9º ANO

Gênero Textual: A resenha crítica

ATIVIDADE

ORIENTAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE:

Após assistir ao vídeo e ler a resenha crítica, responda em seu caderno as questões.

- Primeiramente, assista ao vídeo neste link:

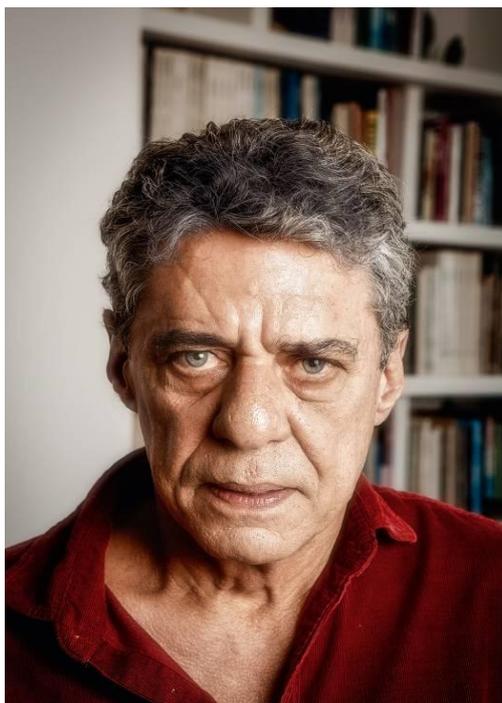
<https://www.youtube.com/watch?v=lqWPPB9WpAE> para se apropriar do conceito e estrutura acerca do gênero textual resenha crítica.

- Em seguida, leia a resenha crítica extraída da coluna entretenimento da revista Veja.

Novo livro de Chico Buarque impõe reflexão em torno de um Brasil rachado

'Essa Gente' aproxima o escritor do compositor ao passear com delicadeza e pessimismo por um país que se perdeu sabe-se lá onde.

Por **Fábio Altman** - Atualizado em 13 nov. 2019, 18h26 - Publicado em 08 nov. 2019, 06h.



COMO NAS MÚSICAS – Chico, o autor: o Brasil pelo cotidiano doído do Rio Luiz Maximiano.

Não há como ler o novo romance de **Chico Buarque**, *Essa Gente*, sem ter em perspectiva o fato de ele haver nascido das ideias e da percepção aguçada de um compositor sem o qual o Brasil seria outro. Há um modo inegável de acompanhar os humores e amores da recente história do país: por meio das canções de Chico. Em *Construção*, de 1971, no auge da ditadura militar, ele desenhou o cotidiano amargo do operário de “olhos embotados de cimento e lágrima”, que “sentou para descansar

como se fosse sábado”, num inesquecível edifício de proparoxítonas. Quando os ares pareciam mais respiráveis, e já era possível e compulsório pedir algum socorro, **Meu Caro Amigo**, de 1976, foi uma carta gravada para informar que “aqui na terra tão jogando futebol / tem muito samba, muito choro e rock and roll / uns dias chove, noutros dias bate sol / mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta”. Em 1984, nos estertores da escuridão, um manifesto em forma de samba-enredo a antecipar os dias democráticos alertava, como um farol: “Vai passar / nessa avenida um samba popular / cada paralelepípedo / da velha cidade / essa noite vai se arrepiar”. Sempre houve, em seus versos, como nos de todo poeta fingidor, uma mágica: falar de amor, mas parecer estar tratando de política; cutucar as questões coletivas, mas querer mesmo estar entre os mais íntimos dos lençóis. As composições de Chico Buarque dão a sensação de se estar atravessando um tomo de história ou uma antologia da vida privada (tudo somado à adorável possibilidade de cantarolá-las, e parece improvável que se leiam os trechos que abrem esta resenha sem colá-los às melodias que os fizeram adesivos).

Na poesia foi sempre assim, o dizer alguma coisa para iluminar outra — sem jamais perder de vista a força cortante das metáforas, porque faça igual não existe. Na MPB, Chico é um totem incontornável, carbono do que somos ou um dia imaginávamos ser, apesar da acidez atual. Na prosa é diferente. A literatura de Chico Buarque, desde **Estorvo** (1991) até **O Irmão Alemão** (2014), em cinco romances, segue outra estrada, como se o autor estivesse farto do Chico dos discos e dos shows, cansado de levar o mundo nos ombros, pela razão e pela emoção (a exceção que confirma a regra, *avant la lettre*, foi **Fazenda Modelo**, de 1974, uma **Revolução dos Bichos** ao avesso, evidentemente atrelada aos nós do cotidiano). Na literatura, Chico foi sempre mais frio, mais distante, narrador razoavelmente apartado de seus temas. Não que o desencanto e o pessimismo nas letras dos anos 1970 e 1980 já não antecipassem o que culminaria com **Estorvo** (“vinha nego humilhado / vinha morto-vivo / vinha flagelado / de tudo que é lado / vinha um bom motivo pra te esfolar”, de **Não Sonho Mais**, do álbum **Vida**, de 1980). Para o editor e escritor Tiago Ferro, autor de **O Pai da Menina Morta**, romance finalista do Prêmio Jabuti, estudioso da obra literária de Chico Buarque, “as canções já eram insuficientes para captar aquele momento histórico, para mostrar no que havia dado a longa noite da ditadura, um país violento, perverso e aparentemente sem saída”. E Chico foi pousar nas estantes.

O desencanto e o pessimismo nas letras das canções dos anos 1970 e 1980 já
antecipavam o que culminaria na literatura



ESSA GENTE, de Chico Buarque (Companhia das Letras; 200 páginas)

Essa Gente, que chega às livrarias na quinta-feira 14, é um excelente romance colado a um diário, com anotações, mensagens enviadas e recebidas, entre dezembro de 2016 e setembro de 2019, atalho para o Brasil do aqui e agora. Apesar de o recorte parecer óbvio, o tempo em que uma presidente foi impedida, um ex-presidente foi preso e o Brasil caiu nas mãos de um saudosista do autoritarismo, cujo filho defende o retorno do AI-5, nada em suas páginas é evidente. O que vale, como nas canções, são as coisas não ditas. Não se busque em ***Essa Gente*** um corolário das mazelas do Brasil, um manual de ódio para quem não gosta de Chico, desde que ele passou a ser xingado porque nunca recuou de suas convicções; ou um mapa de adoração para quem o põe no pedestal dos intocáveis. Não se espere um panfleto, apenas porque empurraram Chico para um canto da guerra política, o que inclui apoio incondicional a Dilma Rousseff e Lula. O livro tem nuances mais inteligentes. É um delicado (e invariavelmente cômico, embora descrente) relato, apesar da aspereza, a impor reflexão em torno do Brasil rachado ao meio — o estúpido fosso social, os vãos ideológicos, tudo aquilo que nos trouxe até aqui. É como se os personagens de ***Essa Gente*** dissessem: “Preste atenção”, eis o Brasil como ficou. Ou então: em que momento o vaso trincou a ponto de uma certa unanimidade nacional — o próprio Chico — agora ser encurralado nas ruas por gente que pensa diferente?

O nome do personagem central de ***Essa Gente*** faz lembrar o de seu criador: é Manuel Duarte, autor de um romance histórico, ***O Eunuco do Paço Real***. Decadente, endividado, ele tem um filho adolescente com quem não troca palavra e duas ex-mulheres (uma tradutora e uma decoradora). A cercá-lo, revelam as anotações, há um Rio de Janeiro que sangra entre a pobreza e a solidão. O caleidoscópio, evidenciado pelo quebra-cabeça fragmentado das curtas entradas do diário, expõe uma multidão de bizarrices que, sem a chave da ironia, soaria inverossímil. Há o pastor evangélico da Igreja da Bem-Aventura ligado a um maestro italiano que castra jovens pobres para abastecer o mercado internacional de canto lírico. Há o mendigo que apanha de um sócio do Country Club. O filho de militantes de esquerda que sofre bullying na escola. Na pena de um escritor qualquer, o risco de desandar para o preto no branco seria

imenso. Na narrativa de Chico há vasta porção de cinza, é tudo mais sutil, mais lírico, costurado por paixões e suspense policial. Se os outros livros de Chico Buarque foram sempre primos distantes de sua produção musical, **Essa Gente** é como um irmão. Ecoa a letra do clássico imediato de seu mais recente disco, **As Caravanas**: “Esses estranhos / suburbanos tipo muçulmanos / do Jacarezinho / a caminho do Jardim de Alá”. É o Chico Buarque compositor de mãos dadas com o Chico Buarque escritor, como se repetissem Carlos Drummond de Andrade musicado por Milton Nascimento, ambos um tanto esquecidos: “Eu preparo uma canção / que faça acordar os homens / e adormecer as crianças”.

FONTE: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/novo-livro-de-chico-buarque-impoe-reflexao-em-torno-de-um-brasil-rachado/>

QUESTÕES:

1. Qual o objetivo principal deste texto, isto é, sua finalidade?
2. Onde essa resenha foi publicada?
3. O que está sendo resenhado? Quem escreveu?
4. Por que esse texto é produzido?
5. Que influência um leitor pode sofrer com a leitura desse texto?
6. Que tipo de linguagem (formal ou informal) o autor utilizou para escrever as resenhas? Comprove com trechos do texto.
7. Transcreva do texto frases associadas à obra resenhada.
8. Transcreva do texto frases associadas ao autor da obra.
9. Transcreva da resenha fragmentos que evidenciam a opinião do escritor da resenha.
10. Conclua: quais as principais características do gênero resenha.